



revista cristã  
última chamada

# A Segunda Vinda de Cristo

Lógica e Ressurreição

Vicent Cheung

# O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.  
revistacrista  
.org**

# A Segunda Vinda de Cristo

Lógica e Ressurreição

---

Vicent Cheung

---

Tradução e adaptação textual por  
César Francisco Raymundo



revista cristã  
última chamada

---

# Patrocine esta obra!

---

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

## Doe via depósito bancário

**Banco:** Caixa Econômica Federal

**Em favor de:** César Francisco Raymundo

**Agência:** 3298

**Operação:** 013

**Conta:** 00028081-1

## Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

[www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)

Contato:

[ultimachamada@bol.com.br](mailto:ultimachamada@bol.com.br)

[contato@revistacrista.org](mailto:contato@revistacrista.org)

---

## **A Segunda Vinda de Cristo**

*Lógica e Ressurreição*

**Autor:** Vicent Cheung

**Título original:**

The Second Coming of Christ

**Site:**

<https://www.vincentcheung.com/2009/02/24/the-second-coming-of-christ/>

Acessado dia 05/02/2026

**Nota do tradutor:**

A divisão de Parte 1 e 2 e os subtítulos não constam no texto original. A Segunda Vinda de Cristo e a Lógica da ressurreição originalmente são textos separados.

**Capa:** César Francisco Raymundo

(Imagem de Brigitte Werner por Pixabay.com)

---

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.  
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: [ultimachamada@bol.com.br](mailto:ultimachamada@bol.com.br)

Site: [www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)

Porto Belo – Santa Catarina

Fevereiro de 2026

# Índice

Sobre o autor	07
Apresentação	08
<b>Parte 1</b>	
<b>A Segunda Vinda de Cristo</b>	<b>10</b>
Introdução	11
O Destino dos Crentes na Segunda Vinda do Senhor	13
Segunda Vinda e Consolo	15
A Alarmante Deficiência das Pregações e das Literaturas Cristãs	19
A Grande Comissão	23
<b>Parte 2</b>	
<b>Lógica e Ressurreição</b>	<b>28</b>
Introdução	29
Invenções da Ciência e da Filosofia	32
Conclusão	34
Obras importantes para pesquisa...	35

## Sobre o autor

---

**Vincent Cheung** é o presidente da Reformation Ministries International [Ministério Reformado Internacional].

Ele é o autor de mais de vinte livros e centenas de palestras sobre uma vasta gama de tópicos na teologia, filosofia, apologética e espiritualidade.

Através dos seus livros e palestras, ele está treinando cristãos para entender, proclamar, defender e praticar a cosmovisão bíblica como um sistema de pensamento, abrangente, e coerente, revelado por Deus na Escritura.

Ele e sua esposa, Denise, residem em Boston, Massachusetts.  
[<http://www.rmiweb.org/>]

## - Apresentação –

---

Os textos do teólogo Vicent Cheung foram, para mim, uma verdadeira revelação. Sua insistência na cura de todas as doenças — sem recorrer àquela discussão sobre a soberania de Deus em curar ou não —, bem como suas posições sobre milagres, prosperidade material e respostas às orações, ajudaram-me profundamente. Em mais de uma ocasião, inclusive, experimentei cura em momentos em que estive à beira da morte.

Solidamente fundamentados nas Escrituras Sagradas, os escritos de Cheung são simplesmente imbatíveis. Crítico ferrenho dos Reformados e de seu Cessacionismo, ele tem provocado uma verdadeira revolução, despertando ódio, resistência e muitas polêmicas.

Uma das coisas que mais admiro em seus escritos é a clareza e a coragem de confrontar a verdade sem concessões, afirmando que herege é herege e que a apologética bíblica deve ser agressiva, e não passiva, apenas para agradar pessoas.

Isso não significa que eu seja Reformado ou que tenha abraçado integralmente a teologia de Cheung. No entanto, reconheço o valor de quem realmente escreve com convicção,



sem permanecer nessa maldita “água morna” ao tentar falar a verdade.

Neste e-book, como sempre faço para meus leitores, apresento uma pérola dos escritos de Cheung sobre a Segunda Vinda de Cristo — tema que se tornou meu foco principal, assim como a escatologia de modo geral.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo  
Editor da  
Revista Cristã Última Chamada

# - Parte 1 – A Segunda Vinda de Cristo

## - Introdução -

---

“Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes quanto aos que dormem na morte, nem que se entristeçam como os demais, que não têm esperança. Pois cremos que Jesus morreu e ressuscitou, e assim cremos que Deus trará, mediante Jesus, os que nele adormeceram. Dizemos a vocês, pela palavra do Senhor, que nós, os que estivermos vivos e permaneceremos até a vinda do Senhor, certamente não precederemos os que dormiram. Porque o próprio Senhor descera do céu com uma ordem, com a voz do arcanjo e com o toque da trombeta de Deus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois disso, nós, os que estivermos vivos e permaneceremos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolem-se uns aos outros com estas palavras”.

(1 Tessalonicenses 4:13-18)

Quando Jesus foi elevado ao céu, os discípulos continuaram a olhar atentamente para o céu enquanto ele subia. De repente, apareceram “dois homens vestidos de branco”, que entendemos serem anjos, e disseram-lhes: “Este mesmo Jesus, que dentre vós foi elevado ao céu, há de vir assim como para o céu o vistes subir” (Atos 1:11).

Essa “segunda vinda” de Cristo é um tema central nos ensinamentos dos apóstolos (ver 1 Coríntios 15; Filipenses 3:20-21; 1 Tessalonicenses 2:19; 1 Timóteo 6:14-15; Tito 2:11-14;

Hebreus 9:27-28), embora algumas passagens sobre uma “vinda” que são frequentemente interpretadas como referências a essa segunda vinda, na verdade, se refiram à destruição de Jerusalém em 70 d.C. De qualquer forma, a doutrina é essencial e necessária para uma compreensão plena da fé cristã.

Paulo apresentou essa doutrina aos tessalonicenses quando lhes pregou o evangelho pela primeira vez, e a menciona novamente na carta. Por exemplo, ele afirma que os cristãos tessalonicenses seriam sua coroa e glória “na presença do Senhor Jesus, quando ele vier” (2:19), e deseja que eles sejam irrepreensíveis “quando o nosso Senhor Jesus vier com todos os seus santos” (3:13). Os tessalonicenses aprenderam a doutrina e compreendem essas referências a ela.

Todas as evidências sugerem que Paulo não apenas transmite um sistema teológico abrangente aos seus convertidos, mas também se esforça para expor cada doutrina em detalhes, mesmo quando o tempo é curto e o ambiente inconveniente. Ainda assim, Paulo não teve todo o tempo necessário com esses convertidos (2:17), e parece que lhe faltou a oportunidade de completar a compreensão deles sobre a fé cristã (3:10), incluindo a doutrina da segunda vinda. Ou talvez certas questões não tenham surgido quando ele estava com eles, mas agora se tornaram relevantes. Aqui, ele complementa seu ensino com informações adicionais (4:13-18) e oferece uma lembrança e aplicação (5:1-11) do que eles aprenderam.

## - O Destino dos Crentes na Segunda Vinda do Senhor –

---

A doutrina é que Jesus Cristo voltará e, quando vier, receberá o seu povo para estar com ele para sempre (4:17). Quanto a como isso acontecerá, devemos começar pela preocupação que dá origem a esta passagem. Ou seja, o que acontecerá com os crentes que morrerem antes da volta de Cristo? O destino deles nos é desconhecido? Ou perecerão para sempre, como vapor que se dispersa no ar? E mesmo que não, estarão de alguma forma em desvantagem em comparação com aqueles que estiverem vivos quando Cristo vier? É fácil entender a importância e a relevância da questão, visto que inúmeros crentes morreram e morrerão antes da volta de Cristo. E se ele demorar, nós, que vivemos agora, também morreremos como aqueles que creram antes de nós.

A resposta é a ressurreição. Paulo não se refere imediatamente à ressurreição dos crentes, mas primeiro à ressurreição de Cristo. O Senhor foi morto e sepultado, mas depois ressuscitou dos mortos. E Paulo descreve Cristo como o arquétipo de todos aqueles que morrem como cristãos, como crentes nele. A ressurreição de Cristo, portanto, é tanto uma promessa quanto uma prova do futuro glorioso dos santos. Quando uma pessoa faz uma promessa e, em seguida, desafia autoridades religiosas e

políticas, poderes demoníacos, bem como a própria morte para autenticá-la e fazê-la cumprir, nenhuma dúvida pode ser lançada sobre a integridade e a capacidade dessa pessoa e, portanto, nenhuma dúvida pode ser lançada sobre a promessa que ela faz. A questão está resolvida – não há nada que alguém possa dizer contra tal pessoa, ou contra qualquer promessa que ela faça. Assim como Cristo ressuscitou dos mortos, ele também ressuscitará dos mortos aqueles que creem nele (4:14-16). Os mortos em Cristo não serão abandonados nem esquecidos.

Quanto aos crentes que estiverem vivos quando Cristo voltar, o Senhor os levará para estarem com Ele para sempre (v. 17). Notamos também que os mortos em Cristo ressuscitarão com um novo tipo de corpo. O novo corpo terá alguma relação com o antigo, mas será infinitamente superior. Paulo o compara a uma semente que é semeada na terra e que produz segundo a sua espécie. Por exemplo, o trigo vem da semente de trigo, não de algum outro tipo de semente. Os crentes que estiverem vivos quando Cristo voltar também receberão esse novo corpo, mas não ressuscitarão dos mortos propriamente ditos, visto que não estarão mortos, mas seus corpos serão “transformados” no mesmo tipo que os mortos em Cristo receberão na ressurreição (1 Coríntios 15:35-57).

## - Segunda Vinda e Consolo –

---

Os cristãos devem encorajar uns aos outros com esta doutrina. O encorajamento aqui não se dá por meio da lamentação compartilhada ou por ser um ouvinte atento e compreensivo. Embora essas atitudes possam ser legítimas, elas, por si só, são impotentes para consolar. E é perverso identificar-se com alguém que se insurge contra a bondade e a justiça de Deus por ocasião da morte de um amigo ou parente. Não devemos permitir que ninguém ataque a honra de Deus como forma de desabafo emocional. Quando isso ocorre, tanto os enlutados quanto aqueles que choram com eles da mesma maneira devem ser severamente repreendidos e ordenados a se arrependerem e, então, calarem-se. O verdadeiro encorajamento não se oferece por meio da escuta, mas sim pelo ensino. E para encorajar os enlutados, devemos ensiná-los ou lembrá-los da volta de Cristo e da ressurreição dos santos.

Paulo escreve aos cristãos e diz que não quer que eles se entristeçam como "os demais homens", isto é, como todos os não cristãos. Em outras palavras, os cristãos têm permissão para lamentar a morte de seus irmãos na fé, mas não devem se entristecer como os não cristãos. Em vez de permitir que a dor os mergulhe em completo desespero, ou esperar que ela diminua com o tempo, os cristãos podem lamentar a separação temporária de seus irmãos e irmãs em Cristo, mas encontrar

encorajamento nas doutrinas da volta de Cristo e da ressurreição dos santos.

A passagem é frequentemente lida em funerais, com a intenção de encorajar. No entanto, Paulo proíbe a aplicação universal, pois contrasta a maneira como os cristãos devem lamentar com a maneira como todos os outros lamentam, visto que o resto da humanidade “não tem esperança”. Ele está escrevendo para cristãos sobre cristãos. Se o público inclui não cristãos, ou se há não cristãos entre os mortos, então a doutrina não é tão consoladora. A doutrina não deve consolar os não cristãos que choram, pois eles não participarão da glória do retorno de Cristo, nem da ressurreição dos cristãos. E a doutrina não deve encorajar ninguém em relação aos não cristãos falecidos, visto que a morte significa o início de um tipo de sofrimento para eles que ultrapassa nossa capacidade de compreensão, embora aplaudamos a justiça disso.

Mesmo quando Paulo se dirige àqueles que possam estar de luto, e mesmo quando escreve aos cristãos vivos sobre os cristãos mortos, ele ataca os incrédulos. A menos que um ministro tenha justificativa para presumir que está falando a cristãos sobre cristãos, ele é um mentiroso se aplicar a doutrina da gloriosa ressurreição dos santos como se ela se aplicasse a todos os presentes, e em um funeral, como se ela se aplicasse apenas àquele que está no caixão. Se o pastor sabe que sua audiência inclui não-cristãos, e se sabe que o falecido era um descrente, então que desculpa ele tem para dizer algo diferente de: “Vejam! Deus está punindo este homem – seu pai, seu marido, seu filho, seu amigo, este seu parente – agora mesmo... Deus está punindo-o, torturando-o, consumindo-o agora mesmo! Sua esposa, sua mãe, sua irmã, sua filha... ela está



gritando de dor e agonia! Ela está clamando por ajuda, mas só há sofrimento sem fim à sua frente, para sempre. E se vocês não se arrependerem, também perecerão! Arrependam-se, pois em breve chegará a hora de vocês comparecerem perante o Senhor!”

Talvez nem sempre precisemos pregar dessa maneira, mas não há nada de errado com esse modo de falar, e, na verdade, devemos falar assim com frequência. É explícito, enérgico, intransigente e convincente para aqueles cujos corações Deus tornou receptivos à verdade. Mas mesmo quando não falamos dessa maneira, devemos deixar a doutrina clara: “Se você tem um amigo ou parente não cristão que morreu, ele agora está sofrendo no inferno. E se você não se tornar cristão, você também irá para lá”. Que a etiqueta social queime no inferno junto com os incrédulos, mas que a ousadia e a sabedoria nos guiem. Se seguirmos as regras do mundo, nunca pregaremos o evangelho como ele deve ser pregado, se é que nos será permitido pregá-lo.

A passagem ilustra o uso do contraste pelos profetas, apóstolos e pelo Senhor Jesus. Mesmo quando o propósito de Paulo é encorajar os cristãos, ele ataca os não cristãos. Isso não se deve a vingança, mas sim ao fato de o contraste ser um recurso didático que serve para explicitar a informação transmitida e aumentar o impacto que ela causa no público. Visto que o contraste não inventa falsidades, mas apenas chama a atenção para ambos os lados de uma questão e destaca a distância entre eles, ele ajuda a revelar toda a verdade sobre o assunto. Assim, a informação transmitida é precisa e o efeito produzido no público se baseia na verdade, e não no engano.

Neste caso, embora o propósito seja encorajar, de modo que o foco principal recaia sobre as doutrinas positivas da volta de Cristo e da ressurreição dos santos, estabelece-se um contraste com a desesperança dos não-cristãos. Paulo enfatiza o fato de que os incrédulos não possuem a gloriosa perspectiva dos crentes – os não-cristãos não têm esperança. Isso contrasta com a esperança dos crentes, de que seus mortos ressuscitarão e que seus vivos serão transformados e recebidos pelo Senhor para estarem com Ele para sempre. É claro que, quando levamos em conta o que as Escrituras ensinam em outras passagens, o incrédulo não enfrenta apenas a falta de esperança, mas é diretamente condenado. Quando um não-cristão morre, Deus toma sua alma e a lança nas profundezas do inferno, onde deve suportar tormento extremo para sempre.

## - A Alarmante Deficiência das Pregações e das Literaturas Cristãs –

---

Uma análise dos escritos e discursos do profeta, dos apóstolos e do Senhor Jesus exporia a alarmante deficiência de grande parte do que se considera pregação e literatura cristãs, e até mesmo apologética cristã, em sua relutância em estabelecer contrastes entre a fé cristã e as crenças não cristãs, e entre cristãos e não cristãos. Ora, afirmar contrastes nítidos entre o que cremos e o que os outros creem, e entre o que somos e o que os outros são, de uma forma que revele nossa superioridade e a inferioridade deles, poderia ser visto como falta de caridade e arrogância. Portanto, é compreensível que muitos que se dizem crentes evitem essa prática bíblica. Quero dizer, eu os considero covardes desprezíveis e traidores espirituais.

A solução é simples, mas somente os fiéis ao Senhor a implementarão. Os traidores insultarão aqueles que o fizerem – eles sabem que os crentes corajosos são, na verdade, cheios de misericórdia, mas os incrédulos não os pouparão! – e darão desculpas para si mesmos. Em todo caso, seguir o padrão bíblico significa que devemos fazer contrastes explícitos, chamar a atenção para a diferença entre a crença cristã e a crença não cristã, e para a distância entre a expectativa e a experiência cristãs versus a expectativa e a experiência não cristãs. E devemos

salientar que os sistemas cristãos e não cristãos são incompatíveis. Em outras palavras, uma pessoa não pode afirmar ideias não cristãs e possuir expectativas e experiências cristãs.

O princípio parece inofensivo o suficiente, mas os fracos ficam tão horrorizados que se recusam a declarar os contrastes reais. Para a pregação, isso significaria que, ao falarmos das glórias do céu para os cristãos, deveríamos também descrever as agonias do inferno para todos os não cristãos. E, ao mencionarmos o perdão completo que Deus oferece aos seus escolhidos por meio de Jesus Cristo, deveríamos também afirmar a condenação que Deus reserva para aqueles que Ele criou para o inferno.<sup>1</sup> Pregar implica dizer não apenas quão maravilhoso é ser cristão, mas também quão desesperador, insensato e desprezível é permanecer não cristão.

Para o nosso dia a dia, isso significa que não devemos testemunhar apenas sobre a fidelidade do Senhor em consolar e resgatar, mas também devemos mencionar a amigos, parentes e desconhecidos que, se não se arrependem e crerem no Evangelho, Deus já os marcou para a danação, para o sofrimento eterno no fogo do inferno. Esses comentários sobre a pregação e a conversa, naturalmente, devem se aplicar também

---

<sup>1</sup> **Nota do Tradutor** – o autor defende a predestinação fatalista, a qual não compartilho. Um texto que se enquadra no que ele disse está em Provérbios 16:4: “O Senhor fez todas as coisas para determinados fins; até o ímpio, para o dia da calamidade” (Provérbios 16:4). Mas ele também menciona que “se não se arrependem e crerem no Evangelho, Deus já os marcou para a danação”. É fato que na defesa de uma predestinação fatalista a linguagem humana se contradiz com a linguagem Divina. Por mais que se defenda essa doutrina, ninguém consegue pensar como Deus e homem ao mesmo tempo. Eu simplesmente não creio dessa forma fatalista do Calvinismo, mas retenho o que é bom.

à educação das crianças. Devemos falar às crianças não apenas sobre a bondade de Deus e a santificação dos santos, mas também sobre a severidade de Deus e a maldade dos incrédulos.

As crianças, assim como qualquer outra pessoa, podem e devem compreender a diferença entre o reino de Deus e o reino de Satanás, e a distância entre eles em termos de crenças, inteligência, caráter, perspectivas e destinos. Por exemplo, as crianças precisam entender que seus parentes e amigos não cristãos serão enviados para o inferno se morrerem descrentes. Isso inclui seus amiguinhos demoníacos na escola – pois toda criança não convertida é como um pequeno demônio, e os filhos dos crentes precisam saber disso. Não há razão para esconder a verdade deles. Não é que os adultos consigam lidar melhor com a ideia do inferno. A razão pela qual alguém resiste à ideia do inferno é o pecado, não a idade.

Da mesma forma, quando se trata de apologética, a prática bíblica de fazer contrastes significa que não devemos apenas argumentar em favor da veracidade e racionalidade da fé cristã, mas também demonstrar que todas as crenças não cristãs — todas as suas religiões, filosofias, teorias e práticas — são falsas, perversas e estúpidas. Portanto, a apologética não deve permanecer uma atividade defensiva, mas sim assumir uma energia ofensiva e uma natureza agressiva que nenhum adepto de qualquer outro sistema de crenças jamais conheceu ou demonstrou. Mesmo assim, nossas armas são espirituais e intelectuais, e não os frágeis instrumentos de lâminas e explosivos. Se o termo “apologética” e a ideia de “defesa da fé” nos tornam passivos demais em nossa atitude e abordagem, então pode ser útil complementar nosso pensamento com outros termos bíblicos, como “confirmação”, “demonstração” e

“vindicação” da fé. Estes podem abarcar tanto os aspectos defensivos quanto ofensivos de nosso engajamento intelectual com o mundo.

## - A Grande Comissão –

---

Quando consideramos a Grande Comissão em termos de nosso conflito espiritual e desacordo com os incrédulos, ela é, na verdade, uma ordem para invadirmos e conquistarmos – não em um sentido militar ou político, mas em um sentido espiritual e intelectual. É uma ordem para penetrarmos nas nações e regiões dos povos, em suas vidas, classes sociais e círculos de influência. Temos o mandato e a autoridade para perturbar seus estilos de vida e subverter suas crenças. Portanto, é nosso dever e nosso direito perseguir todos os não-cristãos, pregar-lhes a fé cristã e também atacar, criticar, refutar, desacreditar, desrespeitar e zombar de suas crenças e práticas. Isso se fundamenta nas palavras de Cristo e é confirmado pela prática dos profetas e apóstolos, de modo que qualquer um que discorde disso se coloca como inimigo do reino de Deus e do evangelho de Jesus Cristo.

Às vezes, as pessoas se opõem à sã doutrina alegando que a fé cristã deveria ser "boas novas". Por exemplo, alguns cristãos usaram esse termo para se opor às doutrinas bíblicas de reprovção ativa e expiação eficaz, e outros o usaram para endossar a falsa doutrina da "oferta sincera" do evangelho. E, sem dúvida, alguns argumentarão que condenar, atacar e ridicularizar os não cristãos contradiz a natureza do evangelho,

pois não faz com que nossa mensagem soe como boas novas. No entanto, isso envolve uma aplicação equivocada do termo e uma incompreensão do evangelho.

A ideia de “boas novas” é específica. O termo surge no contexto de um sistema teológico cristão e de uma história cristã da salvação, de modo que seu significado é definido por esse contexto. Não se trata de uma boa nova para todas as pessoas e em todos os sentidos imagináveis. O réprobo que ouve que uma pessoa deve crer em Jesus Cristo e renunciar às suas próprias crenças e estilo de vida não consideraria o nosso evangelho como “boas novas”. Por ser um réprobo, está determinado que ele não creria no evangelho e, portanto, a mensagem é para ele um aviso de condenação inevitável.

Para uma pessoa assim, a única boa notícia seria a salvação sem fé e arrependimento, sem qualquer crença, sem qualquer mudança. Mas o único evangelho que Deus deu afirma que uma pessoa é salva por confiar em Jesus Cristo, por meio de uma fé que lhe é dada pelo poder de Deus. Esta é a “boa notícia” para a pessoa que Deus escolheu para a salvação e em cujo coração Deus realizou a obra da regeneração. Para aqueles que se recusam a crer e não conseguem crer, o evangelho é uma sentença de morte. É uma declaração final de que não há outro caminho para a salvação. Como Paulo escreve: “Porque para Deus somos bom perfume de Cristo, tanto nos que estão sendo salvos como nos que estão perecendo. Para estes, cheiro de morte; para aqueles, fragrância de vida” (2 Coríntios 2:15-16). Em suma, o pregador do evangelho é o mensageiro da morte para aqueles destinados à destruição.



Como a Bíblia é o livro de Deus, é claro que Ele aprova todos os contrastes usados pelos profetas, pelos apóstolos e pelo Senhor Jesus – Ele inspirou todas essas palavras. Mas Ele faz algo ainda mais drástico, que é, na verdade, o fundamento necessário para todos os contrastes verbais feitos entre cristãos e não cristãos:

“Acaso o oleiro não tem o direito de fazer, da mesma massa de barro, um vaso para fins nobres e outro para uso comum? E se Deus, querendo mostrar a sua ira e manifestar o seu poder, suportou com grande paciência os objetos da sua ira, preparados para a destruição? E se ele fez isso para revelar as riquezas da sua glória aos objetos da sua misericórdia, que ele preparou de antemão para a glória, a saber, nós, a quem ele chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?”

(Romanos 9:21-24)

Se não existissem réprobos, não poderíamos dizer que aqueles que não creem “não têm esperança”, pois todos seriam escolhidos e todos seriam crentes. Se Cristo redimiui a todos, não poderíamos dizer: “Vejam, esses são os que receberão a ira de Deus”, pois ninguém sofreria a Sua ira, exceto o Cordeiro de Deus. E se Adão nunca tivesse pecado, nenhum contraste entre as duas linhagens da humanidade seria possível.<sup>2</sup>

Deus leva esse instrumento de ensino muito a sério. Ele cria a própria alma das pessoas e determina seus destinos eternos, elevando alguns ao céu e condenando outros ao inferno, para tornar possíveis esses contrastes. Chamar a atenção para a diferença e o distanciamento entre cristãos e não cristãos é

---

<sup>2</sup> **Nota do tradutor** - nesses trechos o autor fala dos contrastes, as duas linhagens do bem e do mal na humanidade. Mesmo os que não creem na predestinação fatalista acabam aceitando esses contrastes.

apenas declarar o que Deus tem feito ao longo da história da humanidade. É trabalhar de acordo com o Seu propósito e falar em consonância com a Sua explicação. Ele escolhe revelar a Sua natureza e educar o Seu povo dessa maneira. Aquele que prega as Suas obras, que Ele salva quem Ele quer e condena quem Ele deseja, é quem declara a Sua glória.

A doutrina da segunda vinda apresenta diversas características que devem influenciar profundamente nosso pensamento e nossa pregação:

Primeiramente, trata-se de uma parte fundamental de um sistema de crenças abrangente e autoconsistente. Depende de outras partes do sistema e é dependente delas. Por exemplo, está diretamente relacionada às doutrinas da ressurreição e do juízo final. A segunda vinda deve ser mencionada em conjunto para uma compreensão adequada da natureza, da ordem e da relação desses eventos.

Em segundo lugar, há muito na doutrina que é claro, definido e não sujeito a especulação ou mal-entendidos, embora mesmo assim alguns a distorçam para sua própria destruição. Muitas teorias e esquemas complicados e rebuscados foram elaborados a respeito dela ou em torno dela, mas a essência do ensinamento é simples e explícita. Esta é a doutrina: Jesus Cristo um dia retornará, ocasião em que os mortos em Cristo ressuscitarão, e os cristãos que estiverem vivos naquele momento serão transformados e, juntos, serão recebidos para estar com o Senhor para sempre. Quanto aos não cristãos, serão julgados e lançados em um lago de fogo, para serem punidos eternamente. Com esta doutrina simples, admoestamos e encorajamos os santos e advertimos os réprobos e os impenitentes. Complicar

demais a doutrina diminui sua força de se imprimir na mente dos homens.

Terceiro, e isso decorre dos dois primeiros pontos, a doutrina é tão fundamental e integrada ao sistema cristão que se tornou parte integrante dos ensinamentos dos apóstolos. Mesmo em alguns trechos onde não recebe uma exposição específica, é frequentemente mencionada como ponto de referência. É citada para motivar a santificação, servir de âncora na tentação, de consolo no luto e de força na perseguição. É até mesmo usada para identificar aqueles que pertencem a Cristo – aqueles que creem nele e aguardam o seu glorioso retorno (1 Coríntios 1:7-8, 16:22-24; Filipenses 3:20-21; Tito 2:12-15; 2 Timóteo 4:1, 8; Hebreus 9:27-28; 2 Pedro 3:11-12; 1 João 2:28). A doutrina não apenas nos dá esperança como crentes, mas também nos impõe a obrigação moral de aguardar o retorno do Senhor e de ordenar nossas vidas de maneira condizente com essa expectativa. E deve ser uma parte natural de nossa pregação e conversa.

# - Parte 2 – Lógica e Ressurreição

## - Introdução -

---

“Mas, se se prega que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como podem alguns de vocês dizer que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, então nem mesmo Cristo ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é inútil, e a fé que vocês têm também é inútil. Além disso, seríamos considerados falsas testemunhas de Deus, pois testemunhamos contra Deus que ele ressuscitou a Cristo dentre os mortos. Ora, ele não o ressuscitou, se de fato os mortos não ressuscitam”.

(1 Coríntios 15:12-15)

A lógica, ou razão, é intrínseca à natureza de Deus. Ela caracteriza a maneira como Ele pensa e está presente em tudo o que Ele faz. O homem foi feito à imagem de Deus, e um aspecto essencial dessa imagem é a capacidade de raciocinar, ou seja, de pensar de acordo com as leis da lógica.

Visto que a Bíblia é a própria obra do Espírito Santo, ela naturalmente exibe lógica perfeita, racionalidade perfeita. Homens ímpios pensam que devem atacar a Bíblia ou julgá-la com base na lógica, mas isso inverte a ordem correta. Eles deveriam aprender lógica com ela. Além disso, alguns cristãos pensam que honram as Escrituras quando afirmam que elas transcendem a lógica. Contudo, a lógica é intrínseca a Deus e não pode ser transcendida, assim como o próprio Deus não pode ser transcendido. Ou ainda, alguns dizem que as doutrinas

da fé estão além da “razão humana”. Mas não existe razão humana. Toda razão é a razão de Deus, e nós herdamos a razão de Deus. Ou se segue o modo de pensar de Deus, e assim se segue a razão, ou não se pensa de acordo com a razão.

Há confusão no uso da palavra porque as pessoas frequentemente a sobrecarregam com significados adicionais à ideia de lógica pura, e esses significados muitas vezes variam quando a palavra é usada por diferentes pessoas. Por exemplo, se você rejeita a confiabilidade das sensações, muitas pessoas reclamariam que você rejeita a própria razão. No entanto, é impossível produzir uma prova racional para sustentar o princípio da confiabilidade das sensações, ou para sustentar a confiabilidade de qualquer instância de sensação. Essa confiabilidade é assumida por força contrária à razão. Então, se você rejeita o método científico como forma de descobrir a verdade, as pessoas têm ainda mais certeza de que você rejeita a razão. Mas o método científico pressupõe a confiabilidade das sensações sem qualquer prova e sem qualquer evidência. Ele depende da indução, que é, por definição, ilógica, já que a conclusão nunca decorre necessariamente das premissas. Além disso, o processo de experimentação, tão essencial à atividade científica, é meramente um uso repetido da falácia da afirmação do consequente. Diz-se que a ciência é racional apenas por consenso entre os homens, que desejam acreditar que ela é racional. Mas, sob análise lógica, parece que dificilmente existe maneira pior de descobrir algo sobre a realidade.

Em outras palavras, as pessoas confundem a ideia de razão porque a sobrecarregaram com diferentes pressupostos que, na verdade, deveriam ser axiomas para o uso correto da razão ou conclusões derivadas desse uso correto. Esses pressupostos não

deveriam estar inerentes à própria ideia de razão. A revelação de Deus, de fato, transcende as muitas invenções tolas que os homens associaram à razão. Isso não significa que a revelação esteja além da razão ou da “razão humana”; antes, é melhor separar da ideia de razão aquilo que, em primeiro lugar, não lhe pertence. Assim, a revelação está em plena harmonia com a razão, mas transcende e se opõe à especulação humana.

## - Invenções da Ciência e da Filosofia –

---

Os homens inventam coisas em sua ciência e filosofia. Não devemos culpar a razão por isso. Em vez disso, quando nos referimos à razão de uma maneira que a carrega de princípios e pressupostos, que a carreguemos com os princípios e pressupostos de Deus. Quando dialogamos com descrentes, então, razão significa pura lógica. Mas nos contextos mais restritos da teologia e da pregação, onde a fonte da verdade foi estabelecida para que possamos carregar a palavra de significado, não há diferença entre razão e revelação. Não há conflito entre fé e razão, porque fé é razão – fé é apenas uma palavra religiosa para racionalidade. E o próprio Jesus Cristo é a razão personificada. Ele é a própria Razão.

Paulo argumenta com os coríntios sobre a ressurreição. Ele aplica a lógica ao sobrenatural, a Cristo, ao seu ministério e à fé e salvação. As coisas de Deus não estão além da lógica; pelo contrário, o uso da lógica é a única maneira de processar, compreender e defender as coisas de Deus. Ele afirma que, se não há ressurreição como princípio, e se a própria ressurreição é uma impossibilidade, então o próprio Cristo não ressuscitou. E, visto que tanto depende da ressurreição de Cristo, se ela não acontecesse, a própria fé cristã seria inútil e vã. Por outro lado,



se Cristo ressuscitou dos mortos, então a ressurreição é possível, e então há esperança e salvação.

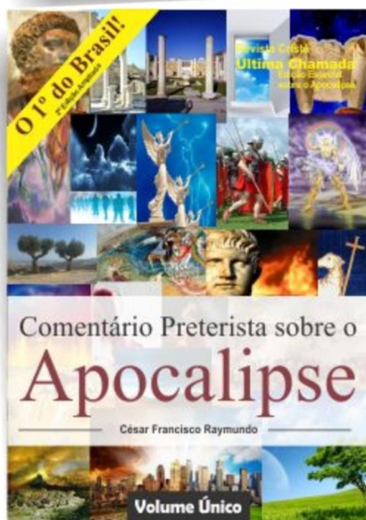
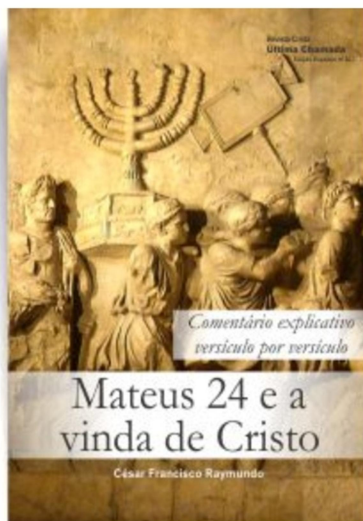
## - Conclusão –

Em outro lugar, Paulo diz: “Por que alguém de vocês acharia inacreditável que Deus ressuscite os mortos?” (Atos 26:8). A ressurreição e o sobrenatural em geral não estão além da lógica ou da razão. De fato, se pensássemos logicamente, não faria sentido dizer que a ressurreição é impossível ou que Deus não ressuscitaria os mortos. A suposição de que algo assim seja impossível é injustificada. É um princípio inventado. Nada sobre a ressurreição é irracional ou impossível. E Cristo, de fato, ressuscitou dos mortos, segundo as Escrituras e em consonância com as testemunhas oculares que Paulo enumera, cujo testemunho o apóstolo autentica pela inspiração do Espírito.

# Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

**[www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)**



Revista Cristã  
Última Chamada

O livro mais  
**Amargo**  
da Bíblia dá suporte a



## Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

## PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER  
A PROFECIA BÍBLICA



## Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã  
última chamada

## E se Deus não tivesse nascido de mulher?